

A REGENERACÃO

AVENÇA

Ano XX

Semanário regionalista

N.º 636

Composto e impresso na *Tipografia Figueiroense*
FIGUEIRO DOS VINHOS

Director, Editor e Proprietário:
Doutor Manuel Simões Barreiros

Redacção e Administração—Rua Major Nentel de Abreu
FIGUEIRO DOS VINHOS

Cantina escolar

Dentro em breves dias vai ser inaugurada uma cantina escolar, nas escolas da nossa vila, cuja finalidade é socorrer as crianças pobres de ambos os sexos das nossas escolas com uma refeição diária e vestuário.

Mais tarde, depois de convenientemente montada, iremos até ao fornecimento de livros.

A Câmara, quem por enquanto fica a dirigir a cantina e com o auxílio dos professores srs. João Alves Caldeira e Ciro Rosa Dias Coelho, já estão trabalhando na construção de uma cantina anexa à escola masculina, assim como também num jardim infantil.

Para levar esta encantadora obra a efeito, já o sr. Presidente da Câmara, tratou do assunto junto do Ministério das Obras Públicas e de tal forma caiu a simpática ideia no Ministério, que logo ordenou o respectivo estudo.

Para esta humanitária obra concorreu com a importante verba de 30.000\$00—do socorro de inverno—o ilustre Governador Civil de Leiria.

Este gesto do sr. Dr. Acácio de Paiva, vindo em nosso auxílio com a importante verba, mostra claramente o carinho que lhe merecem estas instituições de assistência—de carácter permanente—e traduz bem fielmente o pensamento do Governador da presidência de Salazar.

Bem haja sr. Governador Civil sobretudo por dar ocasião à criação duma instituição, cuja falta se fazia há muito sentir.

Dum anónimo recebeu a Câmara Municipal a importância de 1.200\$, também para auxiliar as pobres criancinhas.

Oxalá que gestos desta natureza, se repitam, são os nossos ardentes votos.

E fazemos estes votos porque no cuidado e fortalecimento da criança, está o futuro da nossa raça e portanto o engrandecimento da Nação.

Corpus Christi

Precedida de tríduo, realizou-se no dia próprio esta festa nesta vila.

Não teve a grandiosidade da festa eucarística realizada no ano passado e cuja recordação saudosa há-de perdurar por muito tempo.

Foi contudo realizada numa ambiência religiosa que muito sensibilizou.

Era a festa de acção de graças pela Paz usufruída em nossa Nação.

Impressionante a Comunhão Geral de 476 crianças, que inocentes receberam o Deus da sua primeira comunhão. Grandiosa e com ordem a procissão. Muitas flores.

Foi orador o reverendo franciscano João Gomes de Oliveira.

Prestando o seu auxílio, vimos nesta vila os reverendos párocos de Castanheira de Pera, Pedógão Grande, Graça, Vila Facaia, Arega e Campelo.

19 anos depois

Não me sinto ainda muito velho, mas em mais de meio século vivi já o suficiente para supor conhecer um pouco os homens e a vida.

Nas lutas asperas que por vezes sustentei tive oportunidade de verificar como é precária a memória dos políticos, para os quais a coerência não conta e a firmeza de atitudes representa antipático obstáculo à exibição de habilidosas ficções.

Nestes últimos cinco anos operou-se um salto brusco na forma de ser da humanidade. Da necessidade de representar o esforço de guerra, nasceram promessas, concessões e con-temporizações a que não é fácil opôr travão eficaz. Em vão os homens se debatem de novo à procura de fórmulas que antes não possuíam, que os massacres não criaram, e que o calar do canhão não soube inspirar.

Diante da força cede-se. Mas ceder não significa ser convencido, e tóla a paz imposta é como que uma condição da victoria a pesar triunfadores mais fracos.

Receio por isso que a paz não ilumine os homens, e que o voto formulado pelo sr. Presidente do Conselho continue a ser apenas aspiração ou anseio.

Se, porém, nem tudo está perdido e não secaram completamente as nascentes da verdade e da justiça, Portugal olhando para o seu passado de ontem, e confrontando-o com o presente, ficará de bem com a sua consciência. Pode mesmo ir um bocadinho mais longe, opondo a sua obra em todos os campos à obra realizada na casa alheia. O saldo deve ser com larga margem a seu favor.

Em Maio de 1926 a situação era grave, se não desesperada. Então sim; então vacilaríamos se seriamente nos enterrogássemos, examinando com imparcial juízo a nossa conduta política e a nossa posição perante a missão civilizadora que cada povo tem a seu cargo, na justa medida das suas possibilidades.

Pesa-me ter de repetir o que está dito e redito vezes sem conta, mas sinto que é preciso pôr de sobreaviso a mocidade contra a acção corruptora dos preteços libertadores duma opressão que não existe, duma tutela prepotente que é pura fantasia, da violação de direitos e deveres de humanidade que só cabe no cérebro desvairado de quem por nunca ter sabido obedecer, é incapaz de saber mandar.

Por isso insisto em bater a mesma tecla, perguntando fria, calmamente, mas exigindo respostas concretas.

- Quem refez as finanças em Portugal?
- Quem construiu a magnífica rede de estradas em Portugal?
- Quem apetrechou os portos?
- Quem pôs de pé os Bairros económicos?
- Quem levou a cabo a obra magnífica do aeroporto de Lisboa?
- Quem concebeu e executou o Estádio Nacional?

A quem se deve a gare marítima do Porto de Lisboa?

Quem estabeleceu os planos da electrificação do País?

Quem está abastecendo de águas todos os concelhos?

Quem abriu hospitais e maternidades?

Quem fez a Casa da Moeda, o Palácio da Estatística, etc.?

Quem dotou o País de novos liceus?

Quem traçou as linhas da Cidade Universitária de Coimbra?

Quem abriu a auto-estrada?

Quem instalou condignamente os serviços públicos?

Quem procedeu ao rearmamento do Exército?

Quem deu corpo à linda ideia das Casas dos pescadores e das Casas do Povo?

Quem deu impulso à Marinha Mercante, e fez da minúscula frota da pesca do bacalhau uma luzida esquadra de trabalho?

Quem está a executar a proveitosa tarefa da irrigação em várias regiões do País?

Quem valorizou o solo colonial? Quem o beneficiou com um vasto plano de fomento metodicamente executado, mesmo durante o periodo de guerra?

Quem combateu tenazmente o analfabetismo estudando e iniciando a rede de escolas que custará ao Estado o melhor de quinhentos mil contos?

Quem protegeu e acarinhou o nosso património artístico?

Não acabaria mais este rosário de perguntas, a que o limitado espaço manda pôr cobro. Algumas todavia se impõe para fecho.

Desde 1910, data da implantação da República em Portugal, até 28 de Maio de 1926, data da Revolução Nacional, qual foi a obra dos políticos, dos tais defensores da liberdade, dos tais cultores da igualdade, dos tais e tão fieis servidores da fraternidade?

Respondam, vá, mas sem sinfonias de palavras, com dados, com factos, com números.

Que destino deram ao erário público? Onde sepultaram o crédito nacional? Onde sumiram a ordem dos espíritos e das ruas?

Sempre que teimosamente relembremos verdades como punhos, salta-nos ao caminho a guarda avançada da demagogia para untuosamente, hipocritamente argumentar com a necessidade da harmonia na família portuguesa, trazendo à baila o aforismo: «águas passadas não movem moinho».

Pois não; lá isso é verdade. Mas também é exacto que quem dorme não guarda cabras, e que há muito de certo no aviso-confia, desconfiando sempre.

Por mim, teimosamente vou gritando aos camaradas: sentinela alerta!!

Actividade Camarária

A Câmara Municipal do nosso concelho encontra-se em plena actividade, trazendo entre mãos muitas e importantes obras.

Destas obras devemos destacar: o arranjo da praça em frente do mercado, cuja obra vem transformar e modernizar toda a praça do Brasil; começaram em Arega os trabalhos para o empedramento da E. M. de Arega a Vale de Aveleira na extensão de cinco quilómetros; deu-se início aos trabalhos da construção da Estrada Municipal de Alge—Singrais, da freguesia de Campelo para cuja construção uma comissão de indivíduos dos Singrais e Searas, residentes em Lisboa, contribuíram com a importância de 10 000\$00 escudos.

Estes trabalhos da estrada referida, como já dissemos, já começaram e vêm resolver a falta de comunicação dos povos do alto e extremo da freguesia de Campelo, com a sede do concelho e finalmente ficam ligadas à sede, geral das estradas de todo o País.

Para a estrada da Póvoa também uma comissão de naturais deste lugar contribui com a importância de 7.500\$00 escudos.

— Para a construção duma capela, casa de autopsias e arranjo do cemitério, desta vila subsidiou o Estado com a importância verba de cerca de 43.820\$00 escudos.

Esta obra vai ser imediatamente feita.

No Hospital da Misericórdia desta vila e sobre a direcção do seu provedor sr. dr. Teixeira Forte, estão-se fazendo importantes e necessárias obras.

Vê-se pelo exposto que a Câmara do nosso concelho, está em plena actividade e se levamos em conta a obra de restauro do Igreja da Misericórdia, que resolveu chamar a si esta obra e para a qual o Estado contribui com um subsídio de cerca de 85.000\$00, devemos confessar, que se não pode exigir mais.

E' animada desta actividade, que a Câmara Municipal do nosso concelho trabalha, faz obra útil e vai transformando radicalmente o nosso concelho.

E se levamos em conta as que têm em projecto: restauro da capela do Cabeço do Pião, Hotel de turismo, edificio dos correios e urbanização da vila para só falar nas mais importantes, o que será a nossa vila daqui a meia dúzia de anos, se esta actividade por parte da Câmara, não afrouxar?

A nossa missão

«Com o método e a firme serenidade que caracterizam a nossa política, com a nítida consciência dos nossos deveres, tão própria de pais que não nasceu ontem, vamos continuar, intensificando-a, ampliando-a, elevando-a, a nossa obra colonizadora—sem dúvida—mas vamos concorrer também grandemente para a paz e o progresso do mundo.» — Salazar.

Grémio da Lavoura

Sulfato de cobre para a viticultura

A Direcção deste Grémio, reconhecendo as vantagens resultantes da efectuação do menor número possível de distribuições parciais de SULFATO DE COBRE para os tramentos das vinhas, resolveu, mediante autorização da Junta Nacional do Vinho, entregar a cada vinicultor, por uma só vez, as quantidades correspondentes aos 60,1º que lhes faltava para uma completa atribuição.

Assim, em toda a área do Grémio, tem continuado as distribuições deste produto, com a rapidez possível ao bom andamento dos serviços e tendo em vista atender o melhor possível os interesses dos vinicultores.

Enxôfre para a viticultura

Simultaneamente com as distribuições de SULFATO DE COBRE PARA A VITICULTURA, tem sido entregues aos associados as quantidades de ENXÔFRE que lhes foram atribuídas.

Sulfato de cobre para batatais

Encontra-se quasi concluído o serviço de distribuição de SULFATO DE COBRE PARA BATATAIS, produto entregue a todos os produtores que efectuaram os manifestos das suas sementeiras de batata.

Nitrato de amónio para a cultura do milho

Está este Grémio procedendo às atribuições de NITRATO DE AMÓNIO PARA A CULTURA DO MILHO, esperando começar as distribuições dentro em breves dias, e imediatamente após a chegada da quantidade em falta para a totalidade necessária aos concelhos de F. Vinhos, C. Pêra e P. Grande. A data do seu início será oportunamente indicada.

Batata (semente) seleccionada para sementeira serodia

Avisam-se todos os interessados na aquisição de batata (semente) seleccionada para sementeira serodia de que podem dirigir os seus pedidos ao Grémio, para as qualidades UP TO DATE e VALENCIANA, sendo as entregas imediatamente realizadas no armazém, onde já se encontra depositada.

Festividades Religiosas

Nossa Senhora da Madre de Deus

Realiza-se no dia 3 do corrente, a tradicional festa em honra desta Santa, que desde há anos se não realizava. Este ano promete ser brilhante, visto os mordomos não se terem poupado a esforços.

Os festejos constarão de missa cantada, sermão pregado pelo reverendo Arcipreste sr. Padre António Inglez, procissão, arraial e venda de fogaças.

Em todos estes actos, tomará parte a Banda Municipal deste concelho, que executará trechos musicais do seu vasto e variado repertório.

A nossa Carteira

Chegadas

Em gôso de licença por alguns meses encontra-se entre nós o nosso conterrâneo, amigo e assinante sr. Artur Quaresma Nunes, ilustre funcionário aduaneiro da Alfandega de Lourenço Marques, que veio apresentar-nos cumprimentos o que muito agradecemos.

A este nosso amigo desejamos umas férias de bem-estar.

Também em gôso de licença, está nesta vila e acompanhado de sua ex.ª esposa, o nosso amigo e sr. António da Conceição Quaresma, 1.º cabo da Guarda Fiscal e comandante do Posto de Ouguela-Campo Maior.

Visitas

Cumprimentámos na nossa Redacção, os nossos amigos e assinantes, srs.:

António dos Santos David, comerciante em Almeirim, que vinha acompanhado de sua ex.ª Irmã.

António Lourenço Júnior, de Castanheira de Arega.

Francisco Marques e Fernando Pires, de Brêjo Arega.

Joaquim Pires, de Carreira Arega.

José Inácio Borges, de Bracais Arega.

Doente

Já se encontra restabelecida da doença que a reteve por alguns dias no leito, a ex.ª sr.ª D. Guilhermina Quaresma, com o que muito nos congratulamos.

As crianças e a miopia

A aprendizagem da leitura e da escrita contribui grandemente para a miopia infantil, desde que se não tomem certas precauções. Com efeito, as estatísticas provam que a escola contribui largamente para a percentagem de crianças míopes. As causas principais são: insuficiência de luz nas aulas; livros impressos com caracteres demasiado pequenos, ou com tipos de letras já muito gastos; a escrita no quadro, com letras que muitos só lêem com esforço. Além disto, as crianças, mesmo as que vêem bem, têm tendência para aproximar excessivamente dos olhos os livros e os papeis, hábito que prejudica seriamente a vista.

A criança míope é muitas vezes, prejudicada, principalmente se a família e os professores desconhecem a miopia. Como não vê bem, com facilidade se distrai e fatiga, e, em consequência, atrazo-se, prejudicando, injustamente o seu futuro.

Por tudo isto, as mães devem vigiar atentamente os seus filhos, não consentindo nunca que trabalhem com luz insuficiente, ou aproximem demasiado dos olhos os livros, os papeis ou os trabalhos que estão fazendo; e procurando evitar que os seus livros sejam impressos com tipo miúdo ou gasto. Uma vista espiérida não justifica o desprezo destes cuidados, porque ela está, como quaisquer, sujeita a enfraquecer.

A menor suspeita de que a criança sofre de miopia, a mãe deve levá-la imediatamente ao especialista.

Sabedoria do Povo

Nércios e porfiados, tornam ricos os letrados.

Há mais ingratos que sapatos.

Quem o seu não vê, o deminho leva.

Os que se conhecem, de longe se saúdam.

Alegria certa, candeia morta.

Nem a todos dar, nem todos guerrear.

Quanto menos entende, mais reprende.

Não há mau pão, para boa fome.

Pouco, em paz, muito se me faz.

Mais vale prudência, que ciência.

O sábio desabafa escrevendo, o néscio mal-dizendo.

Filho que aos pais amargura, já-mais conte com ventura.

Quem caminha com pressa, em caminho chão tropeça.

Não se afoga no mar, o que lá não entra.

Se mais temos, mais apeteçemos.

Quem compra cavalo, compra cuidado.

Mal alheio, dá conselho.

Aos mortos e aos ausentes, não doestes, nem atormentes.

Fazê bem ao gato: saltar-te há na cara.

Morto o afilhado, foi-se o compadrado.

Quem não se escarmenta duma vez, não se emenda de três.

Não te gabes, outrem que te elogie.

Mais vale, às vezes, favor, que justiça nem razão.

Os ovos e as juras são para quebrar.

Choro de viúva é água da chuva.

Quem gasta mais do que o que tem, mostra que siac não tem.

Mais vale um vizinho à mão, que, ao longe, o nosso irmão.

Copilação de...

Ninguém

Tradição e Actualidade

Passou, há pouco tempo, mais um aniversário do nascimento do escritor inglês Carlos Lamb. Decorreram já 170 anos e, em Londres, todos os anos, o «Circulo de Carlos Lamb» celebra essa efeméride nacional.

A saúde á memória imortal de Carlos Lamb foi, este ano, levantada por Lord David Cecil que, no seu discurso, anotou como características do grande ensaísta inglês a simplicidade e a fantasia. Lord Cecil sublinhou o valor destas qualidades, da modéstia e da imaginação, nestes tempos de rígidos mandos, sem refulgência. Lamb disse Lord Cecil, foi o realizador e o profeta do valor da vida simples, da vida particular e íntima, refúgio que ainda resta a quem queira escapar-se à eloquência armada dos fabricantes de planos salvadores. E neste veio de simplicidade foi, talvez, o poeta Edmund Blunden quem, na reunião, melhor traduziu os sentimentos dos circunstantes e de todos os admiradores de Lamb, quando leu uma breve poesia onde se encontram estas palavras: «Amável Lamb, querido aos novos e aos velhos, e aos que no meio se augumentam». Como efeito todos os britânicos adoram a convivência espiritual dos escritor do imortal autor dos «Contos de Shakespeare».

Se Lamb não foi o maior ensaísta britânico, e muita gente afirma que o foi, foi sem dúvida o mais popular, e o mais popular continua a ser. De geração em geração, o estilo gentil e simples do modesto e retirado inglês conserva todo o seu encanto e sedução.

Ainda hoje, na Inglaterra e no mundo muita gente encontra nos escritos de Lamb um doce abrigo de defesa contra as cruas exigências dos tempos presentes, encontrando nos livros do escritor, perfeitamente delinidos, aquêles personagens cujos modêlos estão ainda não vivos como há quasi 200 anos.

Publicações recebidas

Com destino à biblioteca do nosso jornal, recebemos os exemplares a seguir mencionados, que muito agradecemos:

Os Nossos Filhos. — Temos presente o bem elaborado volume 2.º n.º 35 de Abril, desta atraente revista mensal.

Imprensa:

Com regularidade temos recebido por permuta a visita dos prezados colegas:

Aleo; A Voz Portalegrense; A Vida Ribatejana; Ecos do Alentejo; Correio do Sul; O Cezimbrense; Jornal de Moura; Região de Leiria; O Globo; O Gráfico; Ecos da Serra; O Castanheirense; O Povo da Louzã; O Comércio de Chaves; A Comarca da Sertã; Jornal de Abrantes; A Voz do Operário; Comércio do Porto; O Diário Popular; Ecos da Serra; O Sado; Notícias de Penafiel e O Mensageiro.

A coerência duma política

Vão passando os dias e não desaparece a impressão causada pela grande manifestação nacional que no dia 19 o povo de Lisboa, e larga representação do povo de todas as Províncias, prestou a Salazar.

Poucas vezes uma manifestação terá sido tão merecida. Poucas vezes manifestantes terão sido tão sinceros, tão vibrantes, como nesse prodigioso espectáculo realizado no Terreiro do Paço, em que alma nacional, a verdadeira alma do povo aclamou o homem a cuja política genial se deve que o País tenha sido poupado aos horrores iadacritíveis da guerra.

Quando tantas razões pareciam indicar que o conflito viria ter con-nosco, que não haveria sabedoria política capaz de evitar que a guerra viesse a passar, negra e destruidora, sobre o território português!

Quando tantas vezes muitos de entre nós pensaram que tinha chegado o momento em que iam naufragar todos os esforços, que a nossa neutralidade não poderia resistir à ferocidade da luta travada na Europa e no mundo—Salazar velava e trabalhava com um acerto que só é possível encontrar-se em almas de eleição e conseguia, finalmente, o seu «desideratum»: ver chegar o dia da vitória sem que o País tivesse sido molestado, sem que tivesse tido de tomar parte nas hostilidades.

Perante o horrrosa descrição que enche os jornais de todo o mundo, do que foi a guerra na Europa, das criminosas violências que se cometeram com o desejo de vencer, de impôr a lei do vencedor mesmo a países dezimados pelas operações militares e pelas perseguições políticas, maior tem de ser ainda o nosso contentamento por termos escapado a tais horrores, e maior tem de ser a gratidão ao exemplar Chefe do Governo que soube conduzir-nos á paz pela estrada do brio, e da honra.

A nação tem a plena consciência do que deve a Salazar. Todos os portugueses sabem que ele defendeu os interesses do país como ninguém faria melhor e sem sacrificar, nem um milímetro, a sua dignidade e o seu prestígio.

E' isto que explica a grandeza da manifestação que foi feita a Salazar — grandeza que não resulta apenas, do número, mas do calor e da sinceridade de todos os manifestantes.

Poucas vezes no decurso da História Lisboa terá sido teatro de homenagem tão grandiosa e tão firme como aquela que no passado sábado foi levar a Salazar o agradecimento do povo português.

Interpretar o sentido dessa manifestação é concluir que é perfeita a unidade de todos os portugueses em volta do seu Chefe porque ele «soube poupar a Nação a todas as calamidades da guerra, sem que para isso faltasse ao menor dos seus compromissos internacionais, repudiando algum dos princípios basilares que presidem aos destinos colectivos ou descuidasse a legítima defesa dos superiores interesses do País».

Vinho — Vende-se aos garrafões de 5 litros, o bem apaladado vinho da Quinta do Minhoto.

Sociedade Lusitana de Atracções, Limitada

Para os devidos efeitos se publica que, por escritura lavrada hoje, nas notas do notário Dr. Noronha Galvão, de Lisboa, foi constituída uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º—A sociedade adopta a denominação de «Sociedade Lusitana de Atracções, Lda, e tem a sua sede em Valongo de Pedrógão Grande.

2.º—O seu objecto é a exploração de divertimentos e atracções, podendo dedicar-se a qualquer outro fim acordado pelos sócios e para que não seja preciso autorização especial.

3.º—A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de 1 de Julho do corrente ano.

4.º—O capital social é inicialmente de 30.000\$00, em dinheiro, representado e dividido em três cotas de valor igual, subscritas por eles sócios José Henrique, José Firmino e Luiz de Oliveira, já integralmente realizado, na razão de 10.000\$00 cada sócio, o que expressamente se declara para todos os efeitos legais.

§ único—Quando o desenvolvimento da sociedade assim o exigir, o capital será aumentado, mas o aumento só poderá realizar-se se a respectiva deliberação obtiver unanimidade de votos.

5.º—A cessão de cotas fica dependente do consentimento da sociedade, e este direito, não querendo não podendo ela legalmente exercê-lo, pertencerá aos sócios individualmente, ou, querendo mais do que um, a cota por estes adquirida será dividida entre eles, conforme os mesmos acordarem e, na falta de acôrdo, proporcionalmente, isto é, em partes iguais para cada um.

6.º—E' dispensada a autorização especial da sociedade para a divisão de cotas por herdeiros de sócios.

7.º—Qualquer dos sócios poderá emprestar dinheiro à sociedade, quando esta carecer de suprimentos, com juros a fixar pelos sócios em assembleia geral.

8.º—A sociedade será representada, em juízo e fóra d'ele, activa e passivamente, por todos os sócios, que ficam sendo gerentes sem remuneração.

Para que a sociedade fique válidamente obrigada é necessário que os respectivos actos sejam em nome dela assinados por dois dos mesmos sócios.

§ único—Os gerentes são dispensados de caução.

9.º—Embora a gerência incumba a todos os sócios, podem estes deliberar a atribuição de fundos especiais a cada sócio.

10.º—Aos sócios é vedado o exercício da indústria ou comércio a que a sociedade se dedique.

Os gerentes não poderão usar a firma em actos e contractos que não digam respeito aos negócios da sociedade, tais como abonações, fianças, letras de favor e outros semelhantes.

11.º—Os balanços fechar-se-hão em 31 de Dezembro de cada ano.

12.º—Os lucros líquidos serão divididos pelos sócios na proporção das respectivas cotas, sem prejuizo do fundo de reserva.

13.º—Nos casos omissos regularão as disposição da lei de 11 de

Auto-Industrial, L. da

COIMBRA

Grandes Oficinas de Reparações de Automóveis

Instalações modelares, das mais completas do País, providas dos mais modernos maquinismos, com pessoal técnico especializado para cada serviço

Secções especiais de:

- Rectificação
- Justagem e afinação de motores
- Electricidade do automóvel e rádio
- Segeiro — bate chapas
- Pintura
- Estofador
- Soldadura a autogénio e eléctrica

Alinação e Reparação de Motores a Oleos Pesados

Execução rápida e perfeita de todos os trabalhos a preços de concorrência

Pronto-socorro privativo das Oficinas

Avenida Fernão de Magalhães

Telefone 2123

Todos os Acessórios para o Automobilismo

Pagamento de assinaturas

A unidade Nacional

A fim de fazerem o pagamento de assinaturas, estiveram na nossa redacção, os nossos estimáveis amigos:

- José Inácio Borges, Braçães-Arega.
- António Lourenço Júnior, Castanheira de Arega.
- Francisco Marques, Brêjo-Arega.
- Fernando Pires, Brêjo-Arega.
- Joaquim Pires, Carreira de Arega.
- António dos Santos David, Almeirim.

«Era bem que se pudesse ver, não à volta de um homem, ou de um Governo, ou de um regime, mas de um princípio de independência, fidelidade a honra nacional, a magnífica unidade que vós representais aqui. Oh! não a percamos em dissidências mínimas, desprezíveis perante os supremos interesses do País, porque esta unidade continuará a ser a nossa maior arma e a nossa maior defesa nos tempos difíceis que ainda temos de viver.»

(Prof. Doutor Oliveira Salazar, Chefe de Governo—Resposta à mensagem da Nação)

Assinantes em débito

Chamamos a atenção dos nossos estimáveis assinantes residentes nas colónias e no estrangeiro, bem como, os srs. procuradores ou representantes dos mesmos, para o atraso de pagamento em que estes nossos estimáveis amigos se encontram.

Apelamos também para os nossos estimáveis assinantes que residem em freguesias ou lugares, onde não nos é possível fazer a cobrança pelo correio, para efectuem ou mandarem pagar as suas assinaturas na nossa redacção.

Abril de 1901 e demais legislação aplicável.

14.º—As questões emergentes deste contracto serão derimidas no foro da comarca de Lisboa, com renúncia expressa a qualquer outro.

Lisboa, 1 de Julho de 1945.

O ajudante do notário Dr. Noronha Galvão

Manuel Ferreira Alves Salgado

Domingos Duarte

Médico da Casa do Povo

Figueiró dos Vinhos

J. M. Albuquerque Dias

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos

CASA Rés do chão, aluga Carlos Lacerda

Vende-se Um lagar de azeite, ou só o Alvará, com prensa hidraulica.

Nesta redacção se diz.

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: Manuel Simões Barreiros & Irmão, L. da

Sede: FIGUEIRO DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Asambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,20
Asambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,30	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras

Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa: AUTO-LYZ—R. da Palma—Tel. 713

Gustavo Coelho Godet

MODAS, FAZENDAS BRANCAS, MALHAS E MIUDEZAS

ESPECIALIDADE EM PANOS BRANCOS, FAZENDAS DE LA E ALGODÃO

Completo sortido para enxovais de casamento; chales, lenços de seda e de lã

ARTIGOS PARA BORDAR; ALGODAO E LÁS EM FIO

Meias, camisas, chapéus e bonés; sempre novidades

Preços fixos sem competência

Figueiró dos Vinhos

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L. da

Armazém de Lanifícios

Figueiró dos Vinhos

“A Regeneração,”

ASSINATURAS

Portugal e Ilhas Adjacentes:

Cada série de 24 numeros 9\$50

“ ” ” 48 ” 19\$00

Este preço é acrescido do porte do correio

COLONIAS:

Cada série de 24 numeros 16\$00

“ ” ” 48 ” 32\$00

ESTRANGEIRO:

Cada série de 24 numeros 24\$00

“ ” ” 48 ” 48\$00

Pagamento adiantado

Dr. José dos Santos
Ferreira Godinho

Em Coimbra, faleceu no próximo passado dia 28, o sr. dr. José dos Santos Ferreira Godinho, funcionário da repartição de Finanças do nosso concelho.

A morte do dr. Godinho causou surpresa e foi muito sentida, pois gosava entre nós geral simpatia e além de tudo isto, tratava-se dum novo, contava apenas 35 anos, deixa cinco filhos sendo o mais velho de cerca de 7 anos.

Dr. Joaquim Pereira Simões

Em Coruche faleceu o sr. dr. Joaquim Pereira Simões, filho do nosso amigo e conterrâneo Sebastião Henriques Simões, já falecido e primo do nosso amigo Antero Simões Seguro.

Esta morte foi profundamente sentida por toda a família e por todos quantos o conheciam.

Rosa Vicência Pires

No passado dia 28 de Maio, faleceu no lugar da Várzea Redonda, a ex.^{ma} sr.^a Rosa Vicência Pires, esposa do sr. António Pires e mãe do nosso amigo e colaborador ex.^{mo} sr. Francisco Pires, ilustre tesoureiro da Fazenda Pública em Portalegre.

A's famílias enlutadas apresenta
«A Regeneração» sentidos pesames.

Obrigado, Salazar

«O povo português, aqui presente, em calorosa manifestação, não quer só agradecer-vos; quer também, afirmar-vos, com o seu inteiro aplauso, a sua completa solidariedade, para que esta política de defesa e prestígio da Nação, baseada na unidade moral de todos os portugueses, seja continuada, com a mesma dignidade, a mesma coerência e a mesma firmeza.»

(Deputado Melo Machado—palavras da mensagem da Nação ao Chefe do Governo).

verdadeira e consciente ascensão do povo. Chegamos, graças a Deus, à maioria política, emancipados de fórmula em desuso ou usadas por estranhos. Guiamo-nos por nós mesmos, embora não desprezemos os exemplos alheios. E dentro dessa orientação vamos proceder à revisão constitucional, à recomposição das Câmaras. Assim criamos um Portugal novo, síntese de uma obra que ficará na História: «... se a democracia pode ter, além do seu significado político, significado e alcance social, então os verdadeiros democratas somos nós.» A fórmula pouco interessará. Mas o resultado, na política interna e externa, resultado magnífico devido a Salazar, esse interessa essencialmente. Por isso, a Revolução continua. «Temos bem garantido o nosso lugar e o único problema que se nos põe é saber se nos manteremos a altura das nossas responsabilidades.» Manter-nos-emos, porque, como a Salazar, nos importa, acima de tudo, a paz e o progresso da Nação Portugal.

Como prometera, no discurso proferido na sessão da Assembleia Nacional comemorativa da paz na Europa, Salazar fez, perante a Nação, «o exame dos problemas directos ou indirectamente ligados aos acontecimentos actuais.» As suas palavras, luminosas de clareza e profundas de conceitos, versaram três capítulos essenciais à vida nacional e interpretaram fielmente os sentimentos do povo português sobre «a guerra e a neutralidade portuguesa; a organização da paz e as suas repercussões na nossa política externa; os problemas da política interna portuguesa relacionados com o sentido da vitória.»

É evidente que nestes seis anos de guerra a humanidade viveu um século da sua existência. E as nuvens que se erguem ainda no horizonte podem confirmar estas palavras de Salazar: «bem me parece ser esta a última vez em que podíamos e devíamos ser neutros numa configuração europeia.» Importa, por isso, que analisemos o passado para, à sua luz, tirarmos a mira do futuro. A nossa neutralidade, mantendo uma zona de paz na Península que deve tornar-se em centro de renascimento universal, foi uma neutralidade colaborante, na medida em que, fiel aos princípios da aliança inglesa e à essência da civilização europeia e cristã, facilitou a vitória das nações aliadas e assegurou a permanência dessa civilização nas margens do Atlântico. Há, porém, espíritos contraditórios que desejam «neutralidade na guerra e beligerância na paz», — espíritos aos quais Salazar respondeu: «não pode ser contestado que um interesse positivo da Nação aliada foi não nos envolvermos no conflito nem aumentarmos com actos de impensada dedicação as suas dificuldades.» E como o elogio em boca própria é vitupério, limitamo-nos a repetir, com Salazar, aquilo que traduz a opinião oficial e pública inglesa: «para a Inglaterra o primeiro serviço prestado foi exactamente a nossa neutralidade.»

Honradamente, Salazar não quis engrandecer aquilo que consideramos direitos de humanidade, em que fomos pródigos: asilo a refugiados, salvamento de naufragos, auxílio a prisioneiros, a repatriados, às relações universais.

O Chefe do Governo português estudou depois as possíveis formas de organização futura do Mundo, afirmando que «a sociedade internacional deve considerar-se limitada pelos imperativos de uma justiça superior.» «A paz — como a or-

dem nas sociedades, — ou se vive ou de facto não existe.» E Salazar, considerando o carácter paritário dos Estados com todos os reflexos de liberdade soberana que esse conceito envolve, acrescentou: «Se pretendem impôr demasiadas restrições à liberdade dos povos ou se lhes nega a justiça a que têm direito, bem pode acontecer que os germes da guerra se nutram do mesmo seio em que se quer amamentar a paz.» «A nova sociedade das nações terá de ser ao mesmo tempo universal e voluntária, até que a consciência do Mundo imponha a sua obrigatoriedade.» Dentro destes princípios temos uma posição bem definida. Quanto ao mais, trabalhamos e sabemos que «as necessidades de reconstrução da Europa, os problemas políticos e sociais nascidos da guerra são de tal envergadura e urgência que a nenhum povo, e muito menos aos que foram poupados, será lícito abster-se de prestar a sua contribuição com espírito de larga generosidade.» E esse espírito é o de todos os portugueses. De novo se reafirma pela autorizada e legítima voz do Chefe do Governo o sentimento de compreensão que domina a nossa política externa e a consciência que individualiza a nossa política interna.

Destes aspectos disse o Professor Salazar: «A guerra foi por toda a parte feita com a liberdade POSSIVEL e a autoridade NECESSARIA e a PAZ acontecerá a mesma coisa.»

E logo repetiu um conceito expresso com rara intuição política e social há 3 anos: «nenhum homem ao dever do trabalho; nenhuma actividade ou riqueza ao critério da sua utilidade social.»

El demonstrada a personalidade do sistema político português, e reafirmadas as suas características fundamentais de raízes humana, cristã e ocidental, o Presidente do Conselho dirigiu-se francamente a uns tantos inconseqüentes que confundem o som e o sentido das palavras, para lhes ensinar: «As liberdades interessam na medida em que podem ser exercidas e não na medida em que são promulgadas.» «O grau das liberdades públicas e efectivas depende da capacidade dos cidadãos, não da concessão magnânima do Estado.» O bem para ser apreciado, envolve limitação, mesmo sacrifício. Esse bem, tem-no procurado realizar o Estado Novo, sob a orientação de Carmona e Salazar. O sacrifício — se o há — tem-se vivido com gosto, porque se sabe que só isso traz o mérito e que isso é indispensável à

Se quero? quero, sim, e vem depressa!
Esta casa estará cheia de flores!
Cá te espero amanhã! Não te demores!
Vem cedinho, vem logo que amanheça!

Não te vejo há dez anos! Recomeça
O meu céu negro a encher-se de esplendores!
O peor é que o tempo e os dissabores
De cans branquearam já minha cabeça!..

Vais estranhar-me, creio... Tu decerto
És hoje o que eras, conservando ainda
As mesmas tranças fartas e castanhas...

Tremo, de ti sentindo-me já perto...
Como tu eras há dez anos linda!
Não mudaste, pois não? Olha: não venhas!

Eugénio de Castro

Bondade Casamento

Josézito, diz o sr. Adolfo Portela, viu um ninho e quedou-se a meditar; foi-se a ele e tratou logo de o levar.

Mal pensaste, lhe advertiu alguém, mal fizeste de o levar, que esse ninho é um verso de embalar. Meditando este falar, que provavelmente ninguém lhe fizera ainda ouvir, Jesézinho, comovido, no raminho foi o ninho, comovido, pendurar.

Evidentemente, pois as creanças, regra geral sabem lá o mal que fazem? Querem que as creanças, procedam ajuisadamente, como procedem ou devem proceder os adultos, é o mesmo que exigir dos frutos verdes o mesmo dedicado sabor dos maduros, afirmou alguém com muita razão.

As creanças não nasceram ensinadas; o ensino já mais será função da natureza; e dever dos pais, a exercer sobre os filhos; dos mestres sobre os discípulos; dos educadores sobre toda a gente indistintamente. A função dos educadores é uma segunda natureza que vem completar a obra da primeira, e se em todas as espécies animais essa educação é perfeita, completa e suficiente em face das necessidades restritas dos educandos, como admitir que possa ser incompleta e deficiente quando exercida pelos homens em face dos semelhantes de tamanho reduzido?

O Josézinho, autor da façanha anterior posta em verso familiar, simples, encantador portanto, e transformada em ruim prosa pelo autor destas linhas mal regadas, personifica na história do ninho a considerável parte da humanidade que por falta de educação dada a tempo e horas só faz asneiras pela vida fóra, com a agravante de que não volta atrás a desfazer o que erradamente fez, devido ao amor próprio de que geralmente padece irremediavelmente.

Os homens erram muitas vezes pela força das circunstâncias, mas muitas mais porque são obstinados, teimosos, cabeçudos. Tudo que se relaciona com a bondade é para eles objecto ou de nojo ou de troça. Os jornais humorísticos, entre nós, são disto a prova convincente.

Luiz Leitão

Realizou-se no dia 24 de Maio, na Igreja Matriz da nossa vila, sendo oficiante o reverendo Padre António de Almeida Inglez, o enlace matrimonial da ex.^{ma} sr.^a D. Fernanda de Mesquita, filha da ex.^{ma} sr.^a D. Deolinda Fernandes de Mesquita e de sr. Manuel Gonçalves de Mesquita, comerciante na nossa praça, com o ex.^{mo} sr. João David Campos, comerciante, filho da ex.^{ma} sr.^a D. Amélia da Anunciação David e do sr. Adelino Campos, proprietários, residentes no Casal da Santarém.

Após o acto foi servido em casa dos pais da noiva um abundante copo de água e à tarde um igualmente abundante jantar a que assistiram além das pessoas de família muitos convidados e amigos.

Aos noivos, que retiraram para o Luso, desejamos muitas felicidades e uma prolongada lua de mel.

A Família e o Professor

Os pais têm obrigação de acatar as medidas disciplinares impostas pelo professor, que as estabelece para bem da criança. E se julgam que o professor não procedeu correctamente, devem evitar fazer comentários em casa, porque as palavras poderão ser mal interpretadas pela criança. Devem, antes, aparecer na escola, onde onde o professor poderá apresentar pormenores que, na maioria dos casos, os deixarão satisfeitos. Quando tal não aconteça, dirijam-se às entidades escolares superiores, que têm o dever de pôr as coisas no seu lugar. Procedendo deste modo, haverá sempre a harmonia que deve existir entre o Lar e a Escola, e que só beneficiará duplamente o aluno.

António Garcez

Paz construtiva

«Faço votos para que a paz não venha — embora a frase pareça paradoxal — perturbar-nos neste magnífico caminho trilhado até agora.»

(General Carmona—Chefe do Estado — Resposta à mensagem da Nação).

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura